

Cortesão, como o jornalista seu amigo, registra várias prisões, já antes do salazarismo. Em 1958, aos 74 anos, é preso pela última vez, em Portugal, ao lado de Antônio Sérgio, Vieira de Almeida e Azevedo Gomes, todos como ele septuagenários. Foi o clamor da imprensa e da inteligência brasileira, a incluir Gustavo Coração, que os libertou em questão de dias. Morreu na sua querida Lisboa a 14 de agosto de 1960. Foi inumado no cemitério dos Prazeres ( de Nossa Senhora dos Prazeres ), amortilhado no hábito de São Francisco, pois no franciscanismo via a santificação da Terra e uma das motivações profundas dos descobrimentos, empreitada missionária e sacral, está provado. “O franciscanismo, costumava dizer, tem para mim um grande poder de atração moral, pela ampla generosidade humana dessa Ordem, que quis divinizar a Terra, e pelo seu papel nos descobrimentos”. Sua obra seguiu e segue, postumamente, como se vivo fosse para sempre.

Agora não sei como terminar este artigo. Talvez uma frase de seu livro ainda da mocidade, **O Humanismo Universalista dos Portugueses** (Portugália Editora), defina, no paralelo que traça entre Camões e Cervantes, o imenso legado de Jaime Cortesão à historiografia dos dois mundos da mesma fala: “A epopéia de Camões não foi um epitáfio, mas um testamento”.

\*

#### A CONSTANTE COLABORAÇÃO DE JAIME CORTESÃO NA IMPRENSA BRASILEIRA

João Alves das Neves

Através de livros e de centenas de artigos na imprensa, o historiador Jaime Cortesão deu às pesquisas sobre o passado do Brasil – para que melhor se compreendesse o presente e se pudesse projetar o futuro – uma contribuição decisiva e singular, conforme documentou expressivamente a Exposição da História de São Paulo, no decurso das comemorações do quarto centenário da fundação da cidade, em 1954.

A obra completa do autor da **Introdução à História das Bandeiras** vai ser finalmente publicada pela Imprensa Nacional/Casa da Moeda, segundo nos informaram recentemente em Lisboa, juntando-se deste modo aos lançamentos das editoras Portugália e Horizonte. E somará trinta volumes, embora não saibamos se vai englobar toda a colaboração dispersa pelos inúmeros jornais e revistas em que Jaime Cortesão colaborou, quer do Brasil, quer de Portugal, Angola, Moçambique e de outros países.

Realmente, muitos dos artigos e ensaios divulgados na imprensa brasileira foram depois reproduzidos em publicações portuguesas diversas, assim como nos jornais **A Província de Angola**, de Luanda, e **Notícias**, de Lourenço Marques (hoje Maputo). A colaboração do historiador luso-brasileiro n' **O Estado de S. Paulo** foi imensa e prolongou-se por mais de um quarto de século, desde 1943 até 1960. Aliás, o poeta, memorialista, pesquisador e comentador da História que foi Jaime Cortesão esteve também presente nas páginas da revista **Anhembi** ( de São Paulo ) e dos jornais **A Manhã**, **Diário de Notícias** e **Jornal do Comércio** ( do Rio de Janeiro ).

São escassos os elementos que conhecemos acerca dos textos divulgados nos três jornais cariocas, mas sabemos que foram importantes os trabalhos de Cortesão em **Anhembi**, designadamente os **Ensaios Camonianos**. No livro **Jaime Cortesão, o homem e a obra**, o professor Oscar Lopes registra não somente a valiosa colaboração do historiador na monumental **História da Colonização Portuguesa do Brasil** ( que começou a ser impressa em 1923 ), mas também a publicação da conferência de 14/12/1940, **A Certidão do Descobrimento do Brasil**, na "Gazeta de Notícias". Em 1944, saiu o ensaio de topografia histórica **Cabral e as Origens do Brasil e o Mapa-Mundi Português chamado Cantino**, no "Boletim de Documentação", editado pelo Ministério das Relações Exteriores. **Velhos erros e novas correções** foi o título da série iniciada em 1946 no jornal **A Manhã**, assinalando-se igualmente a divulgação de **Um problema de emigração no século XVII**, na Revista de Imigração e Colonização, do Rio ( estamos citando apenas os trabalhos publicados em jornais e revistas, sem referir livros e opúsculos também editados no Brasil ).

Ainda na "Revista de Imigração e Colonização", anotou Oscar Lopes a publicação de **Cartografia antiga e geopolítica de Goiás** (1956), além de **O território da Colônia do Sacramento e a formação dos estados platinos**, na "Revista de História", de São Paulo (1954). São escassas, porém, as informações sobre a colaboração de Jaime Cortesão no jornal "O Estado de S. Paulo", embora neste se encontrem textos valiosos e provavelmente "semi-inéditos", considerando que uma leitura apressada do primeiro volume da **Bibliografia de Jaime Cortesão**, organizada por Neves Águas, não cita transcrições de numerosos desses artigos, entre os que foram publicados depois na imprensa portuguesa, angolana e moçambicana da época.

O nosso contato com a colaboração de Jaime Cortesão principiou há pouco mais de 20 anos quando, a pedido do editor Agostinho Fernandes e por indicação do Dr. Júlio de Mesquita Filho, localizamos os 64 artigos da **Introdução à História das Bandeiras**, já que a família do historiador somente dispunha de cerca de metade. Esses textos

foram posteriormente reproduzidos nos dois volumes que vieram a constituir a pesquisa introdutória à história das bandeiras (ed. Portugália, Lisboa, 1964).

Por força das circunstâncias, realizamos então o levantamento do que supomos ser toda a colaboração do investigador nas páginas de **O Estado**: são mais de 200 os artigos, incluindo naturalmente os 64 sobre as bandeiras. Alguns deles já estão em livro, como aconteceu com a maioria das belíssimas “cartas de Portugal”, que vieram a formar o acervo principal do volume da editora lisboeta Artis, **Portugal, a terra e o homem** (1966).

O primeiro artigo de Jaime Cortesão n’**O Estado de S. Paulo** foi publicado em 29 de janeiro de 1943, sob o título de **A saudação de João Ramalho**. E o último saiu no “Suplemento Literário”, em 12 de novembro de 1960. No total, 227 artigos, se estiver certo o balanço que provisoriamente fizemos. Vinte e sete anos de colaboração proveitosíssima, original, profunda e superiormente redigida, porque um dos segredos do êxito do escritor residiu sempre nessa condição obviamente fundamental para o articulista e o escritor: saber redigir. Com estilo próprio, fluente e correto, claro e preciso.

Não deixou de ser simbólico o primeiro artigo sobre João Ramalho, esse misterioso português que chegou a Santo André da Borda do Campo antes da viagem até São Vicente de Martim Afonso de Sousa, em 1531, vindo a participar mais tarde da fundação de São Paulo, em 1554. Anos depois, saiu a série sobre **Eça de Queiroz e a questão social**, uma dezena de artigos publicados entre 13 de maio e 20 de julho de 1943 (em 1949, a **Seara Nova** reuniria esses textos no volume homônimo, depois de os haver divulgado na revista que se publicava em Lisboa com o mesmo título).

Ainda em 1947, foi também inaugurada a série em torno da **Introdução à História das Bandeiras**, com o primeiro artigo em 20 de agosto e o último (649) em 24 de julho de 1949. Obra meticulosamente planejada, ao ponto de ser integralmente reproduzida nos dois volumes de 1964 (...) A partir dessa longa mas preciosa série, Jaime Cortesão intensificou os seus artigos para **O Estado**, escrevendo sobre temas históricos, literatura, incluindo a crítica e as artes em geral, filologia, política etc. Questões tão variadas, a partir de **A língua portuguesa como expressão histórica** (24 de janeiro de 1952) até às do **Teatro em Portugal na Idade Média** (18-5-1952) ou de **Aquilino Ribeiro no Brasil** (6-7-1952). De 1953 há que relevar os três artigos sobre **A autoria das “Aventuras de Diofanes”** e, em 1955, os oito textos sobre **A exposição histórica de São Paulo** (o primeiro é de 13 de março e o “balanço final” de 3 de abril).

A primeira “carta de Portugal” (assim denominada) saiu na edição de 2 de outubro de 1955 com o título de **A festa de São Bartolomeu no mar**, mas há muitas outras, antes e depois, que abordam

temas portugueses, ao sabor da imensa saudade que o autor confessava ter pelo país natal. Cartas ou crônicas que foram arrumadas no volume **Portugal, a terra e o homem** de acordo com as regiões: Entre Douro e Minho ( 17 textos ), Trás-os-Montes (3), As Beiras (18), Estremadura (16), Ribatejo (2), Alentejo (5) e Algarve (4). Comparando as crônicas do volume com as de **O Estado** (por meio dos títulos), observamos facilmente que nem tudo o que saiu no jornal foi reproduzido no livro, ou então houve alteração dos títulos.

Entretanto, salientam-se ainda algumas séries de artigos, como **América Portuguesa e América Espanhola** ( quatro artigos em 1956 ), **Geopolítica de Goiás e da futura capital** ( cinco textos ), **A expedição de Luís Barbalho e os paulistas** ( cinco artigos ), **Descobrimiento do Brasil** ( três ) e **História de piratas** ( dois ), todos divulgados em 1957.

Para se avaliar com exatidão o que, na época, pensava Jaime Cortesão do regime de Salazar devem ler-se os textos que vão desde os consagrados ao escritor Aquilino Ribeiro ( 1952 e 1959, este último a propósito do romance **Quando os lobos uivam**, que valeu um processo ao autor ) e as outras questões sintomáticas: **O povo tem fome de cultura, Comunidade luso-brasileira, Presença e ausência no III Colóquio** etc. Aliás, o pensamento político do escritor é bem dedutível dos ensaios que compõem o livro **Os fatores democráticos na formação de Portugal** – e outros dos seus pronunciamentos não fossem, como efetivamente são, bem conhecidos.

Ao lembrar Jaime Cortesão neste ano do centenário do seu nascimento ( 29 de abril de 1884 ), o Brasil cumpre um dever de gratidão por quem, até a morte ( 14 de agosto de 1960 ), tanto fez pela cultura brasileira, documentando não somente a raiz portuguesa, mas ainda os contributos de outras origens, desde os africanos aos de todos os imigrantes que têm ajudado a construir o Brasil. Vale a pena reproduzir, entretanto, o comentário que **O Estado de S. Paulo** publicou em 3 de abril de 1955 a propósito do autor de **A Expedição de Pedro Álvares Cabral e o Descobrimiento do Brasil**: “Se, já antes, grande era a dívida da historiografia brasileira para com o mestre português, cuja obra, desde **A Carta de Pero Vaz de Caminha** aos alentados volumes da série **Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid**, é toda dedicada à investigação científica do nosso passado, essa dívida, após a Exposição de História, cresceu consideravelmente. De modo especial, São Paulo ficou a dever a Jaime Cortesão a alta contribuição que aquela iniciativa trouxe às comemorações do IV Centenário da Cidade. As centenas de milhares de pessoas, estudiosas ou simples gente do povo, que têm visitado a Exposição de História não podem conter a sua emoção ante aquela admirável lição de civismo, que lhes desvenda aos olhos, quase palmo a palmo, a lenta obra de

conquista e configuração do território brasileiro e de formação de seu povo, de sua consciência nacional e ética”.

\*

### BIBLIOGRAFIA DE JAIME CORTESÃO

A obra deixada pelo grande historiador luso-brasileiro é vasta e variada, abrangendo não apenas temas de história, mas também literatura, especialmente o teatro e a poesia. Aqui, por motivos óbvios, indicamos apenas (pela ordem alfabética) sua produção no campo da História, e ainda assim longe de completa, pois nos limitamos ao que se encontra publicado em livro, e provavelmente com lacunas, deixando de lado a enorme colaboração em jornais e revistas, da qual, aliás, deu conta, em grande parte, o professor João Alves das Neves no artigo que transcrevemos.

- A Carta de Pero Vaz de Caminha (edição crítica, 1943).  
 A Colonização do Brasil.  
 A expansão dos portugueses no período henriquino (1965).  
 A Expedição de Pedro Álvares Cabral e o descobrimento do Brasil (1922).  
 A Fundação de São Paulo, capital geográfica do Brasil (1955).  
 A Missão dos Padres Matemáticos no Brasil (1958).  
 A Viagem de Diogo de Loire e Pedro Vásquez de la Frontera ao banco da Terra Nova, em 1552 (1933).  
 Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid, 9 volumes, sendo dois de texto e sete de documentação (1952/1963).  
 Cabral e as origens do Brasil (1944).  
 Camões e o descobrimento do mundo (1944).  
 Cancioneiro Popular (1914).  
 Do sigilo nacional na História dos Descobrimentos (1924).  
 Eça de Queirós e a questão social (1949).  
 Ensaio Camonianos (1953).  
 História do Brasil nos velhos mapas, 2 vols. (1965).  
 Introdução à História das Bandeiras, 2 vols., (1964).  
 Jesuítas e Bandeirantes no Guafrá (1951).  
 Jesuítas e Bandeirantes no Itatim (1952).  
 L'Expansion des portugais dans l'histoire de la civilisation (1930).  
 Le Traité de Tordesilhas et la découverte de l'Amérique (1926).  
 Los portugueses en la Historia de la America y de los pueblos americanos (1947).  
 Manuscritos da Coleção De Angelis (1952/54).  
 Memória da Grande Guerra (1919).  
 O Franciscanismo e a mística dos descobrimentos (1932).  
 O Humanismo universalista dos portugueses (1965).  
 O Império Português no Oriente (1968).  
 O que o povo canta em Portugal (1942).  
 O Ultramar português depois da Restauração (1968).  
 Os descobrimentos portugueses, 6 volumes (1960 e 1962); 1975 a 78.  
 Os descobrimentos pré-colombinos dos portugueses (1966).  
 Os fatores democráticos na formação de Portugal (1964).  
 Os Portugueses em África (1968).  
 Os Portugueses no Descobrimento dos Estados Unidos (1949).

**Portugal, a Terra e o Homem ( 1966 ).**

**Raposo Tavares e a Formação Territorial do Brasil ( 1958 ).**

**Teoria Geral dos Descobrimentos Portugueses ( 1940 ).**

A Jaime Cortesão a historiografia brasileira deve, ainda, uma edição dos **Diálogos das Grandezas do Brasil**, a única, aliás, em que o famoso texto é publicado com a autoria expressa de Ambrósio Fernandes Brandão ( 1943 ), a publicação do precioso documentário da Coleção De Angelis, da Biblioteca Nacional, e os três volumes de documentos sobre a História de São Paulo, **Pauliscae Lusitana Monumenta Historica** ( 1956/61 ).

\*  
\*  
\*